

# José Albano em foco: dependente da luz e discípulo do Deus Sol

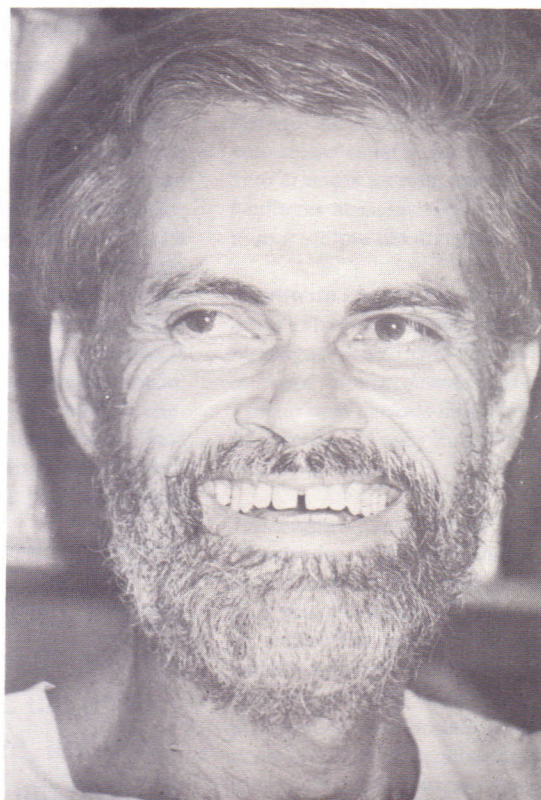
**E**le tem um terceiro olho que enxerga quadrado e dom de congelar o tempo com um simples toque do dedo indicador. José Cordeiro Albano segue o rebanho dos que têm a rara mansidão capaz de flagrar imagens em seus momentos mais íntimos e decisivos. Fotógrafo-mago, traz pendurado ao pescoço um amuleto que não lhe tem faltado com a sorte. A máquina-fotográfica obedece como *cordeirinha* aos comandos de um José que ora reza pela máxima limpidez do instante, ora seleciona fragmentos do cotidiano, escondendo parte da verdade.

Viver isolado numa “pequena estação ecológica”, a 18 Km do Centro de Fortaleza é herança de quem desembarcou em solo norte-americano na rebelde década de 70, sob o pretexto de pós-graduar-se em Fotografia. José Albano credencia: “A experiência nos Estados Unidos me marcou profundamente. Revolucionou totalmente a minha visão de mundo e as minhas pretensões profissionais”. É verdade. O jovem que chegou ao país da Coca-Cola querendo se afiar para *arrotar* superioridade no lugar de origem, acabou embalado por sonhos de paz e amor, vivências ecológicas, comunidades rurais alternativas e alimentação natural.

De volta, os resquícios de contracultura deram as mãos à condição já firmada de Mestre em Fotopublicidade. Na casa-estúdio em taipa, próxima à praia de Sabiaguaba, José Albano vive até hoje a contradição de fazer o próprio pão e fotografar pães comerciais para anúncios publicitários. Ele tenta justificar: “Eu não posso negar que tenho prazer de fotografar uma coisa que eu posso controlar completamente. Dentro do estúdio, a gente é o rei, a gente faz a fotografia”. José Albano está coroado. Lidando com a alquimia de harmonizar luzes, sombras, espelhos e rebatedores, ensina que a magia se dá quando o objeto em foco ganha brilho singular, seduzindo pela aparência.

Dessa caça sobre-humana ao perfeccionismo e beleza é que o fotógrafo retira o *sumo* para financiar suas curtições. E elas são muitas. José Albano adora fotografar o “em torno” de Sabiaguaba, as comunidades alternativas espalhadas pelo Brasil, as paisagens cearenses e, especialmente, a única cria: Emília. São mais de duas mil fotografias da filha, desde o nascimento até hoje, aos 17 anos. O *super-pai* não cansa de celebrar o que ele mesmo define como “a maior oportunidade que nos é dada para mudar e melhorar o mundo”. Paternalíssimo, arremata: “É uma corrente de melhoria da raça humana”.

O estudo detalhista do processo de gestação explicou ao pai-coruja José Albano suas descompensações de filho e bicho-homem. Deixan-



*Durante a entrevista Zé Albano ora dava boas gargalhadas, ora ficava circunspecto: o bate-papo fluía de forma tranqüila.*

do-se fotografar na intimidade, atribui ao fato de não ter sido amamentado uma declarada “pobreza sensual”. “A relação de namoro, de aconchego físico, tudo isso pra mim foi uma dificuldade imensa. Dificuldade na adolescência e dificuldade que perdurou, que perdura. A gente fica descompensado por falta desse aprendizado do contato, do corpo”. Em contrapartida, calor e alento negados à matéria transbordam na alma de um ex-ateu. José Albano já tem a quem adorar: “Eu decidi que Deus pra mim é o Sol. Porque é uma forma esférica, a esfera é uma forma perfeita, é um ser de luz, é o pai de todos nós, dele vem toda a energia”.

O futuro, ele mesmo traça: quer se ruralizar. “É quase um projeto de morte”, diz como quem não abre mão de terminar os dias experimentando apenas o que lhe dá prazer. Ele embarcou na *Caravanas*, de Geraldo Azevedo, e declarou: “A vida é uma pedra de gelo ao Sol”. Sem demonstrar intenção de atropelar etapas, completou: “O deus Sol tá brilhando, mas tá me derretendo. Todo dia é um dia a menos. Então, eu não quero trabalhar demais. Eu quero curtir a vida, porque é preciosíssimo isso. Isso que nós estamos fazendo agora, nesse minuto”. O papo com os estudantes de Comunicação Social da UFC fluíu assim: como se fosse o último e melhor dia do resto de nossas vidas.

Entrevista com o fotógrafo

José Albano, dia 31/05/94.

Produção:

Ethel de Paula e

Liana Farias

Abertura:

Ethel de Paula

Redação, edição e

texto final:

Ethel de Paula e

Liana Farias

Participação:

Cláudia Monteiro,

Ethel de Paula,

Francineide Martins,

Liana Farias e Marília

Aguiar.

Foto:

Arquivo Tribuna do

Ceará

**Entrevista** -- Bom, Zé, nós resolvemos dividir o tempo da **Entrevista em dois momentos. Com base no material de pesquisa sobre tua vida, nós vamos privilegiar duas abordagens, dois grandes campos indissolúveis, mas cheios de particularidades cada um. Num primeiro momento, nós vamos usar uma teleobjetiva e registrar as tuas percepções enquanto fotógrafo, saber como tua vida se expressa nessa arte e descobrir mais desse lado que é aparente. No segundo momento, a abordagem vai ficar por conta da tua concepção de vida, da opção de viver em Sabiaguaba (praia do litoral cearense), da tua ligação com as comunidades alternativas e tudo mais que possa revelar tuas crenças e teus ideais na vida. Então, pra começar, a gente quer saber como é que se deu o início, o teu despertar pra fotografia.**

**José Albano** -- O meu pai era fotógrafo amador. Eu sempre vivi com muito álbum de fotografia, meu pai fotografando os filhos, fotografando os sobrinhos, netos. Existia isso, mas ele morreu quando eu tinha 11 anos só. Então eu não posso dizer que tenha sido uma influência direta, ele influenciou mais um dos meus irmãos mais velhos, que logo quis continuar fotografando.

**Entrevista** -- Quem?

**José Albano** -- O Joaquim Albano. Então, eu nem tinha nada a ver com fotografia, eu queria ser professor de Línguas, porque meu pai também era professor de Línguas. Então tem essa outra influência. Eu estudei Inglês e Francês, me apaixonei por Inglês e virei professor de Inglês muito jovem ainda, com 16 anos, 17, eu já dava aulas lá no IBEU (*Instituto Brasil Estados Unidos*) e em outros cursos de Inglês. E aí, pra oficializar minha carreira, eu fui fazer Letras. Dentro desse curso de Letras -- acho que foi no segundo ano, se eu não tô enganado --, eu ganhei uma bolsa de viagem aos Estados Unidos, aquelas coisas do *State Department*, que era um pouco de fazer a cabeça dos estudantes universitários brasileiros. Era o tempo das esquerdas fervilhando, a revolução ali e tudo, em 66... Era uma bolsa de 45 dias, e esse irmão mais velho disse: "Ah, você tem que tirar fotografias da viagem pra mostrar pra gente." E eu falei: "Mas como? Não vou, não sei nada disso, vou gastar filme à toa, não vou tirar retrato não." Ele levou pro aeroporto a máquina dele -- uma camerazinha pra turista mesmo, fácil de... "junta o ponteirinho assim" --, botou o filme pra eu ver como era,

me deu o filme e disse: "Olhe, tá aqui." Eram slides, no caso. O filme não era pra papel, era pra projeção -- ele tinha o projetor e tal. Pendurou a máquina no meu pescoço e eu peguei o avião e fui m'embora. Aí, quando sobe aquele avião, aí tem aquela asa lá, e o céu azul, as nuvens e o sol brilhando na asa... Eu levanto a câmera, olho assim, e bati a minha primeira foto. Daí a 45 dias eu voltei com 600 slides! (risos) Eu pirei completamente, eu grudei na câmera e...

**Entrevista** -- O que é que você sentiu, Zé, naquela primeira visualização na máquina fotográfica?

**José Albano** -- Eu senti... Eu fiquei incrédulo se eu tinha realmente a capacidade -- ou aquele aparelho tinha a capacidade -- de fixar aquele momento perfeito que eu tava vivendo: o avião com todas aquelas nuvens e aquele brilho e aquele céu e... "Será que eu posso pegar isso e levar pra casa? Será que eu posso mostrar isso pros outros? Será que eu posso rever isso quando eu quiser?" Eu pude.

“Eu nem tinha nada a ver com fotografia, eu queria ser professor de Línguas, porque meu pai também era professor de Línguas.”

Ainda tenho essa foto, (ri) tá meio desbotada, mas ela ainda existe.

**Entrevista** -- E a tua concepção de fotografia vai muito por aí, de querer registrar o momento claro, de ser uma coisa que você possa curtir e as outras pessoas também.

**José Albano** -- É, isso é a coisa clássica do fotógrafo. É a possibilidade de você congelar, de você retirar uma fatia do pão da vida, vamos dizer assim. Então, você tira uma fatia, você, naquela seqüência de acontecimentos, você fixa aquilo ali. Agora, é difícil porque, primeiro, você tem que escolher o momento correto, o melhor momento numa ação, o momento que é a síntese da ação, o momento decisivo -- como dizia o Cartier-Bresson (*fotógrafo francês*) --, e é preciso que aquela ação não seja atrapalhada por outras coisas que podem prejudicar a fotografia, que enfeiam a fotografia, atrapalham. São ruídos, né? Como um poste que tá mal colocado, como uma mancha, como

outras coisas que no movimento da vida você não vê, mas na hora que congelou aquele flagrante você vai ver coisas que na hora você não viu, como uma árvore nascendo logo atrás da cabeça de uma pessoa. Então, eu quero fixar esse momento. Pra mim é uma magia você poder pinçar da vida pedaços ou momentos perfeitos, ou que eu tento que sejam os melhores momentos.

**Entrevista** -- Zé, e no caso, quando você voltou, você sabia...

**Entrevista** -- Deixa ele contar primeiro como foi essa experiência lá. Aí você voltou com 600 slides. O que eram esses...

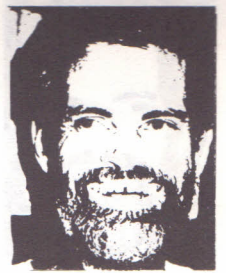
**José Albano** -- A viagem. Nova Iorque, Washington, São Francisco -- que é uma cidade linda --, Los Angeles, o curso que eu fiz lá...

**Entrevista** -- Mas sem maiores pretensões ou já querendo ingressar naquilo?

**José Albano** -- Não, era mais mostrar o que que eu vivenciei. Subimos nas montanhas, vimos uma estação de esqui, fomos em museus... Eu ia fotografando tudo. Só tudo. Tudo, tudo, tudo. E a câmera do meu irmão era muito boazinha! (risos) Não houve erro, praticamente não perdi nenhuma foto. Então... aí mostrei essas fotos no IBEU -- onde eu era professor --, mostrei na universidade, pros colegas, a família gostou. Todo mundo achou ótimo, me deu corda. Aí pronto! Aí eu só queria ter a minha câmera e começar a fotografar mesmo. Fotografar tudo, fotografar muito. Então, foi muito a custo (ênfatisando) que eu consegui concluir o curso de Letras, porque eu não queria mais. Eu comecei logo -- dentro de seis meses já tinha a minha câmera, tava ganhando dinheiro com fotografia. Continuei fazendo Letras porque eu ainda tava ensinando e minha mãe me forçou a barra: "Você vai (ênfatisando) terminar Letras. Pelo amor de Deus, não faça essa loucura de largar a faculdade!"

**Entrevista** -- Você partiu pra que tipo de fotografia? Como que você passou a trabalhar mesmo com a Fotografia?

**José Albano** -- Bom, isso tudo... Na época eu tinha uma bicicleta, eu saía com essa bicicleta, eu ia, passeava, fotografava tudo o que eu via... Mas, pra ganhar dinheiro, eu fazia retratos. O primeiro trabalho meu foi retratos. Principalmente retratos de criança -- que todo mundo quer fotografar os filhos --, das moças também, 15 anos, não sei quê... Naquele tempo tinha uns posters grandes na



José Albano mora há 19 anos no bairro Lagoa Redonda, rua Mar del Plata, a 18 Km do Centro de Fortaleza e 3Km das dunas da Praia de Sabiaguabã.

Por duas vezes a equipe entrevistadora teve que recorrer aos moradores da região a fim de localizar com exatidão a casa-estúdio de José Albano.

A entrada da casa-estúdio de José Albano fica no lado contrário à rua. Detalhe idealizado por quem não abre mão de total privacidade e sossego.



Ao chegar à casa do fotógrafo, a equipe o encontrou deitado em uma rede de tucum no alpendre, lendo o número anterior da revista *Entrevista*.

José Albano elogiou a entrevista realizada na revista anterior com o artista-plástico José Tarcísio. Os dois são amigos de longa data.

Antes de iniciar a entrevista, José Albano questionou o por quê de entrevistá-lo e quem seriam os demais entrevistados deste número.

parede, né, colava num tampo de madeira e dava aquele... como se fosse um cartaz de cinema. Então, os primeiros dinheiros vieram daí, desses posters.

**Entrevista** -- *E a continuidade qual foi?*

**José Albano** -- Bom, a continuidade foi que, quando eu terminei Letras, eu recebi o diploma e fechei todos os meus compromissos de professor -- eu ensinava Português pra americanos e Inglês em cursinhos, e também no IBEU e n'outros lugares. No mês que eu terminei Letras foi também o mês que eu encerrei minha carreira de professor. Ai, eu queria ser fotógrafo tempo integral, mas eu queria, eu almejava uma coisa mais alta. Então eu queria ir pro Rio (de Janeiro) pra ser fotógrafo na revista *Manchete* (semanário publicado pela editora Bloch), que era a revista de evidência no Brasil todo, na época. Acontece que tinha uma amiga da minha família, que trabalhava lá, ela disse: "Não, você vem que eu vou apresentar seu dossiê e tal. Você traz as suas fotos..." E, realmente, eu fui apresentado ao pessoal da *Manchete*. E é aquela história, né: "Ah, tá muito bom e tal, mas não temos vaga agora. Você aguarde. Qualquer coisa a gente lhe chama." E foi passando um mês, dois meses, três meses e eu aflito lá no Rio. E finalmente eles me chamaram, não pro departamento fotográfico, porque não tinha vaga. Eles me chamaram prum departamento que era uma agência que vendia fotos pra outras publicações, vendia fotos pra enciclopédias, pra revistas e jornais de outros países e tudo. E eles me chamaram porque eu falava Inglês. Não só eu curti a Fotografia como entendia um pouco de Fotografia, mas eu falava Inglês. Então, recebia aquelas cartas dum jornal de Londres, numa revista em Nova Iorque e tal, pedindo fotos, vamos dizer: do Pelé -- em hipótese, né? Então, eu descia no arquivo, ia procurar essas fotografias, escolher umas três, quatro fotos boas e enviar, mandar pra eles. Então, eu tive um trabalho burocrático dentro da editora Bloch, mas trabalhando com fotografias, com venda de fotografias.

**Entrevista** -- *E isso não interferiu na tua autoconfiança, se, logo no início, você ter passado todo esse tempo ali, bem perto da paixão, e sem poder exercitar?*

**José Albano** -- Eu exercitava. Eu exercitava nos fins de semana, fotografando...

**Entrevista** -- *Mas sem poder exercitar como você queria.*

**José Albano** -- É. Bom, eu tava esperando uma chance. Enquanto isso, eu ia conversando, travando conhecimento com os fotógrafos da *Manchete*, fazendo amigos, visitando departamentos, estúdio, a redação... Eu tava me envolvendo devagarzinho, procurando uma chance.

**Entrevista** -- *No caso, você queria ser repórter fotográfico?*

**José Albano** -- Era. Repórter fotográfico. Que é um pouco diferente numa revista e num jornal. O jornalismo fotográfico do dia-a-dia eu acho meio pauleira, não acho que eu tinha talento pra fazer não. Mas uma revista é semanal, é um pouco diferente. Você sai pra fazer matérias mais bem cuidadas.

**Entrevista** -- *Dá tempo de trabalhar, né?*

**José Albano** -- Dá tempo de trabalhar. Você trabalha com cores, bem

"O jornalismo  
fotográfico do  
dia-a-dia eu acho meio  
pauleira, não acho que  
eu tinha talento pra  
fazer não."

mais do que preto-e-branco... Já era uma coisa que eu me direcionava mais pra o jornalismo de revista do que o jornalismo de imprensa diária, sabe?

**Entrevista** -- *Então, não chegou a abalar tua autoconfiança?*

**José Albano** -- O que abalou minha autoconfiança é que o chefe que eu tinha era péssimo! Era um cara chatérrimo, mesquinho, implicava... E eu fui ficando chateado porque eu tava prisioneiro daquela coisa lá na praia do Russel (*Rio de Janeiro*) -- aquela caixa de vidro -- e uma saudade louca do Ceará também. E eu queria Sol, queria movimento, e tava lá sentado num trabalho burocrático. E aí eu fui ficando chateado, fui ficando mal... Aí bateu na cabeça que eu queria, então, sair dali. E resolvi pedir uma bolsa de estudos pra Embaixada Americana -- existia a *Comissão Fulbright*, que na época dava bolsas pra pós-graduação -- e um dia eu empiriquei: "Eu vou hoje, eu vou sair hoje desse trabalho

mais cedo, que eu vou lá na embaixada tomar informações." E fui. Quando cheguei lá, aquela história, a senhora lá do departamento: "Rapaz, você é o último, você chegou na última oportunidade. Daqui a 10 minutos eu fecho meu birô e acabaram as bolsas pro próximo ano. É última chance, é agora. Escreva seu nome aqui e esteja amanhã (*ênfatisando*) no endereço tal porque vai ser a prova de seleção!" Pode imaginar? Não parece uma coisa empurrada assim pelo Céu, né? Não sei, uma coisa! Pronto! Fui no dia seguinte pra prova -- e eram 200 e tantos candidatos --, prova de Inglês eliminatória. De 200 e muitos reduziu pra 30 e poucos, 35, eu acho. E era uma redução drástica porque os bolsistas são lançados dentro da universidade americana, num curso de Mestrado, e o professor não quer saber se ali dentro tem um brasileiro que não entendeu a frase "x" ou "y". Você tem que redigir, você tem que escrever tese, você tem que saber Inglês muito bem, entende? Se não for, não ganha bolsa. E eu era professor de Inglês! (*ri*) Que mais, né? Fui dentro. Ganhei a bolsa.

**Entrevista** -- *Então, você viajou e foi pros Estados Unidos de novo?*

**José Albano** -- Fui de novo. Tinha ido em 66, numa viagem rápida, e, em 70, fui pra fazer o curso de Mestrado.

**Entrevista** -- *E o que foi que mudou na sua cabeça em termos de fotografia, em termos de vivência? Você aterrissar nos Estados Unidos em plena época de contracultura e tudo mais?*

**José Albano** -- (*ri*) Mudou tudo. Mudou tudo. Eu fui pros Estados Unidos pensando que, na volta, eu ia me radicar em São Paulo, ser uma estrela da fotografia nacional com... Nem sabia o que eu ia fazer direito, ou viajar o mundo inteiro... Eu não sei o que eu queria, mas eu queria ser um *hot-shot*, como eles chamavam lá, um "cobrão", né? Mas era a época da contestação, era a contracultura, eram os hippies, era a Guerra do Vietnã, eram as drogas, era... Tudo tava acontecendo, a pilula, a liberação feminina, a coisa assim... Eu cheguei -- é o comecinho dos anos 70 --, eu fiquei realmente muito impressionado com o que eu vi no ambiente universitário, os amigos que eu fiz, a contracultura mesmo em termos de alimentação, em termos de procurar saúde... O país da Coca-Cola... então, de repente, o pessoal tava curtindo chá de ervas, tava fazendo seu próprio pão.

Eu fiquei totalmente espantado com isso, eu não sabia que existia isso. Então, eu fui por aí e a experiência nos Estados Unidos me marcou profundamente, virou, revolucionou totalmente a minha visão do mundo e as minhas pretensões profissionais também.

**Entrevista** -- O que foi que você passou a querer trabalhar? Mudou do retrato para uma coisa mais ampla?

**José Albano** -- É. Eu passei do retrato pra tentativa de Fotojornalismo.

**Entrevista** -- Lá mesmo?

**José Albano** -- Não, não. Na *Manchete*. No tempo que eu procurei a *Manchete*. E, nos Estados Unidos, eu caí numa Escola de Comunicação. Inclusive houve uma coisa engraçada, porque eles questionaram: "Como é que você tá pedindo uma bolsa pra Mestrado em Fotografia se você não tem um bacharelato -- bachelato, é? -- em Fotografia?"

**Entrevista** -- É.

**José Albano** -- Digo: "Não tenho, porque não existe no Brasil." Onde você vai estudar Fotografia em nível universitário? Você vai ter uma ou duas cadeiras na Arquitetura, ou uma ou duas cadeiras no Jornalismo, e é só. Ai eles questionaram: "E você não podia ter feito Jornalismo?" Eu digo: "Não. Porque eu precisava fazer Letras pra poder aprender Inglês, pra poder pedir a bolsa (*risos*), pra poder ir estudar Fotografia."

**Entrevista** -- Como se já tivesse tudo na cabeça, bem arrumadinho!

**José Albano** -- Pois é. Ai eles disseram: "Pois é, mas infelizmente, então, você não vai poder fazer o Mestrado em um ano, como todo mundo faz. Você vai precisar dois anos! Um ano de pré-requisitos na Escola de Comunicação e no outro ano dos pré-requisitos cumpridos é que você vai fazer o Mestrado." E eu: "Jóia! Não pode ser três anos não?" (*risos*) Se pudesse ser três aí é que eu acharia bom mesmo!

**Entrevista** -- Zé, e como foram os primeiros passos de estudos mais aprofundados na Fotografia? Você, um brasileiro, autodidata, que já tinha passado pelo Fotojornalismo e, num primeiro momento, achou que era muito pauleira e que não teria talento pra isso. E como foi chegar nos Estados Unidos, numa escola tradicional americana e lidar com tudo isso aí, com sua brasilidade, sua latinidade, com sua veia autodidata? Como foi o contato lá no

âmbito universitário mesmo, no curso em si?

**José Albano** -- O contato foi facilitado pelo fato de que eu falava Inglês muito bem, realmente muito bem. Ainda falo, diga-se de passagem (passa um avião sobre a casa de José Albano, dificultando a conversa) ...fora isso, eu caí numa universidade com um leque de opções... Eu tive que estudar tudo. Tinha curso de Fotografia Jornalística mesmo, de Jornal, tinha curso de Fotografia de Arquitetura, tinha estúdio fotográfico -- de fotografar objetos --, tinha retrato, tinha Fotografia Científica, tinha laboratório a cores e preto-e-branco. Então, eu fiz uma seleção do que eu queria e eu comecei a me afinar muito com fotografia que eu pudesse controlar as coisas, fotografia de estúdio. Então eu fui me encaminhando, aí, pra uma tese em Fotografia Publicitária. Isso parece uma contradição total. Eu tava interessado em fazer pão na minha casa e eu tava, então, fotografando pães

"Tô trabalhando com brilho, tô trabalhando com luz, com sombra, com apresentação de um produto... com uma coisa que é a mensagem mais limpa possível."

comerciais pra vender. É uma contradição, até hoje eu vivo essa contradição. Tem dia que eu fotografo cachaça, remédio, lata de doce -- que eu nem curto comer açúcar e tal. Eu tenho alguns parâmetros, alguns critérios aí: o que eu aceito fazer, o que eu não aceito. Até porque a Fotografia Publicitária não é assinada. Eu entro como técnico. Quem tem a idéia, geralmente, é o diretor de arte. A agência propõe a idéia, eu executo essa idéia com a técnica que eu tenho. Eu ainda acho que tenho liberdades aí. Eu tenho liberdade de não aceitar fazer, por exemplo... E já tem casos de eu ter rejeitado.

**Entrevista** -- Mas é um mal necessário fazer esse tipo de trabalho ou você vê uma Arte aí? Você acha interessante? Tem prazer de fotografar pra publicidade?

**José Albano** -- Eu tenho prazer. Eu tenho prazer. Eu não posso negar que tenho prazer de fotografar uma coisa

que eu posso controlar completamente. Ai já é o... São fotografias diferentes: o instantâneo e a fotografia que você cria dentro do estúdio. Tô trabalhando com brilho, tô trabalhando com luz, com sombra, com apresentação de um produto... com uma coisa que é a mensagem mais limpa possível. Que nada atrapalhe, que aquilo na página da revista possa ser bem claro o que eu tô mostrando, entende? Isso é um desafio técnico pra mim e também artístico que me agrada. Eu acho interessante fazer. E eu tento pensar maior do que o comércio só. Eu tento pensar nas pessoas a quem aquela indústria dá empregos. Por exemplo, eu tô fotografando roupa, feita aqui no Ceará, então eu imagino a costureira, sabe, a pessoa que vai... inúmeras pessoas que vivem daquilo, que precisam daquele trabalho, daquela indústria. E o meu elemento, o meu elo é levar esse produto pras massas através da fotografia impressa, dos anúncios. Então não me faz mal fazer isso.

**Entrevista** -- E o que te faz mal?

**José Albano** -- Faz mal, por exemplo, eu sou motociclista hiper (ênfaticamente) responsável. Adoro, sou pirado por motocicleta, motociclismo. Ai vem uma agência pra anunciar uma cachaça -- que eu também acho cachaça legal, não sou nada contra, bebo de vez em quando uma cachaça também --, então eles vêm com a proposta do seguinte anúncio: uma garrafinha dessas de bolso, no bolso de trás da calça, a calça jeans do motociclista (ênfaticamente), montado numa moto, sendo fotografado por trás, com o guidom, a moto, nesse bolso (indica no próprio bolso da calça) com a cachaça. Eu digo: "Não junte cachaça com motociclismo. Tá errado isso!" -- "Não, mas isso é uma concepção e tal." Eu digo: "Mas eu não faço. Pode chamar outro fotógrafo. Eu não vou fazer." Então esse tipo de coisa. Quando a coisa bate na minha ética, no que eu acho... mesmo sem assinar a foto, mesmo sendo bem pago, eu não faço.

**Entrevista** -- Voltando aos Estados Unidos, lá no curso você aprendeu então a aprimorar a técnica, diga-mos assim, não é isso?

**José Albano** -- Sim.

**Entrevista** -- E deve ter aprofundado a parte teórica também.

**José Albano** -- Sim. Isso.

**Entrevista** -- Então, eu queria que você falasse um pouco disso...

**José Albano** -- E Arte também!



José Albano tem 50 anos. É filho de Joaquim Cordeiro Albano, conhecido professor de francês - membro fundador da Aliança Francesa - e Joarita Cordeiro Albano.

José Albano tem seis irmãos do primeiro casamento do pai e cinco do segundo casamento. Um deles, Maurício Albano, também é fotógrafo profissional.

José Albano fez curso de pós-graduação em Fotografia na Faculdade de Comunicação da Universidade de Syracuse, em Nova Iorque.



José Albano ressalta a importância do bom vizinho. Entre os moradores da redondeza há uma política de auto-ajuda e solidariedade muito forte.

Os vizinhos mais próximos de José Albano são a ex-sogra Regina Moreira Lima e o marido, à direita, e, logo em frente, o artista-plástico Hélio Rola com a esposa.

Na mensagem da secretária eletrônica, Zé admite: "É horrível falar com uma máquina", mas pede que deixem recado sem pressa.

**Entrevista** -- ...da técnica aprimorada lá nesse curso. E como é que foi pra você, um brasileiro, é um autodidata, nunca tinha tido contato maior com essa técnica rebuscada e detalhista, que é da fotografia? Como é que foi isso pra você e o que você trouxe de mais valioso desse curso?

**José Albano** -- O fato de ser autodidata... eu não deixei de ser autodidata nos Estados Unidos. Existe o curso, existem os professores, mas muito do que você aprende, você tem que ir fuçar. Você tem que ir pra biblioteca, você tem que mexer nas coleções encadernadas de revistas, de números anteriores, de revistas de fotografias... Você tem que mexer nos livros, nas enciclopédias de fotografias, nos inúmeros livros de arte fotográfica que tem. Então, o autodidata encontra nos Estados Unidos uma profusão de meios, de bibliotecas... É o que eu mais sinto falta, de volta ao Brasil, é isso, é acesso à informação. Então, os professores dão 10 por cento da informação, 90 por cento você vai atrás. E lá tinha todos os meios pra ir atrás dessas informações. Eu aprendi muito, mas muito nas tardes e noites que eu passava dentro da biblioteca, por exemplo. Mexendo só nas revistas velhas por exemplo. Coleção de Popular Photography (revista norte-americana), todas encadernadinhas ali: pá, pá, pá. Você pega uma daquelas ali... Só folhear aquilo, de repente você tem acesso a artigos que tem tudo na sua mão. Aí você anda três passos, tem uma máquina de xerox que você mesmo opera com uma moedinha. Pah! Você joga o xerox e você sai com o artigo debaixo do braço. O que eu fiz de pasta de xerox de artigo... Pra mim foi mais aprendizado aí do que mesmo nas aulas, entende? As aulas eram troca de idéias, de contatos...

**Entrevista** -- E por que a opção agora pelo controle do ambiente, pela publicidade?

**José Albano** -- Eu nem vou saber lhe responder por que. (pausa) Eu acho que dentro do estúdio a gente é o rei, a gente faz a fotografia. Se você cai em campo, você apanha a foto que acontece na sua frente. Se você entra no estúdio com o objeto pra fotografar você vai criar a fotografia.

**Entrevista** -- Mas não é mais fácil no estúdio do que lá fora?

**José Albano** -- Lá fora você pode não ter a sorte de passar em frente a nenhuma fotografia interessante pra você captar. E no estúdio é um desafio sempre. Você tem o objeto, você tem as luzes, os espelhos, os reba-

tedores e tal... Ou você faz, ou você não tem competência pra fazer. Então, se uma pessoa vai ao campo e não acha nada pra fotografar, paciência. Não aconteceu nada. Mas se eu saio do estúdio dizendo: "Não pude fotografar esse objeto." Então a culpa é minha. Não é da circunstância.

**Entrevista** -- Mas não é muito frio a foto em estúdio ou você não vê isso assim?

**José Albano** -- Não. Não vejo não. Eu vejo a possibilidade de dar brilhos, de revelar as coisas. E vejo a possibilidade de fazer com que essas coisas sejam vendáveis. Eu sou contra o consumismo. Veja bem, eu moro numa casa de taipa! Eu moro no meio do mato, eu não tenho nada de luxo, aqui tudo é muito simples. Mas é como eu lhe digo: eu tô envolvido num processo, esse processo eu controlo na medida em que eu aceito ou não aceito o que eu quero fotografar.

"Eu tô trabalhando com luz (...), eu tô virando a noite atrás de brilho, de sombra... de cores. Eu tô trabalhando com beleza!"

E outra coisa que é importante na publicidade é que ninguém assina as fotografias. A fotografia sai, fui eu que fiz, mas ninguém sabe. Eu não tô assinando! É uma criação da agência.

**Entrevista** -- Então, na realidade, você acabou caindo naquilo que você criticou antes, um trabalho que também é burocrático?

**José Albano** -- Não. Eu não tô num birô! (ri) Nem tô mexendo com papéis! Eu tô trabalhando com luz, eu tô trabalhando com stand, eu tô virando a noite atrás de brilho, de sombra, de preencher... De cores. Eu tô trabalhando com beleza!

**Entrevista** -- Tá trabalhando com a Arte, né?

**José Albano** -- É. Com arte. Aplicada. Veja bem, arte aplicada. Mas é Arte. Você tá certa.

**Entrevista** -- Eu queria que você desse uma definição dessa arte aplicada baseada também nas noções de Arte que você teve no estudo nos

Estados Unidos. Então, a fotografia é uma Arte ou não? Por quê?

**Entrevista** -- E em que momento? Se ela entra mesmo em choque com a técnica ou não? Até onde você consegue separar técnica de Arte na fotografia?

**José Albano** -- A Fotografia casa essas duas coisas. Até mesmo a fotografia feita na rua, o Fotojornalismo. A gente passa por um aparelho que é complicado, complexo, tem leis que regem o desenho e a performance desse aparelho, os filmes são complexos, a química toda é complexa. Então é uma técnica, não pode fugir disso. Mas essa técnica deve estar a serviço da Arte, que é o aspecto final do que você tá mostrando. Então, isso pra mim fica mais crucial ainda na fotografia parada, na fotografia de objeto no estúdio, do que, como eu digo, na fotografia que você apanha na rua, de coisas que 'tão acontecendo na sua frente.

**Entrevista** -- Porque a de estúdio você tem poder de interferência maior, né?

**José Albano** -- Total.

**Entrevista** -- Então você, além de apreender a imagem, você é artista enquanto você fabrica aquela imagem. É por aí?

**José Albano** -- É. Você é artista enquanto você fabrica isso. E as lições de arte que a gente usa pra fazer fotografia vêm de tudo que você vê. Vem do desenho, vem da pintura, vem da vivência com as outras Artes. Com a escultura... Acho que até a música pode ser usada como influência pra gente fotografar melhor.

**Entrevista** -- Quando 'cê trabalhava ou pretendia trabalhar como repórter fotográfico, o que tinha na sua mente? Era retratar uma realidade -- que na verdade a gente sabe que não existe porque nunca uma fotografia vai poder trazer a realidade de uma maneira tal como ela foi, né? Então, o que você imaginava ser quando trabalhou ou pretendia trabalhar como repórter fotográfico?

**Entrevista** -- Eu queria aproveitar a pergunta dela e dizer que você já declarou que o fotógrafo, com frequência, mente com a sua câmera. Aí você tá se referindo à questão do Fotojornalismo ou é algum mecanismo da Arte Fotográfica?

**José Albano** -- Eu acho que o fotógrafo mente na medida em que ele isola um pequeno fragmento, um pequeno retângulo dentro do panorama maior que é a realidade. Então, não é que a gente minta sempre. A

gente tem a possibilidade de mentir e a gente... ou então vamos rephrasear isso. Vamos dizer que a gente pode esconder parte da verdade.

**Entrevista** -- É, porque essa coisa da mentira dentro do Fotojornalismo, ela pode até ocorrer com mais frequência. Como é que você vê essa "mentira" e a prática do Fotojornalismo? Você consegue...

**José Albano** -- O Fotojornalismo é muito amplo. Eu acho que o Fotojornalismo foi dividido em Fotojornalismo que cobre notícias, ocorrências que tão acontecendo -- como uma passeata, uma greve, um quebra-quebra, alguma coisa assim -- e tem o Fotojornalismo editorial, que você sai pra Taíba (praia do litoral cearense), pra tentar fazer uma reportagem sobre o que é passar um fim-de-semana lá e tal. A coisa varia conforme o tipo de coisa que você tá fazendo. Eu acho que, se tem um quebra-quebra na sua frente, o quê que você vai mentir? Você vai fotografar, você vai tentar mostrar, numa foto, ou duas ou três, conforme o espaço que tem pra você editar no jornal, você vai tentar mostrar momentos decisivos daquela ação, momentos que representem tudo o que aconteceu. Então, se você não consegue isso -- e é difícil conseguir isso --, você não tem boas fotos que mostrem o que realmente aconteceu. Geralmente é muito maior do que você conseguiu fotografar. No entanto, se você tem a sorte e a competência, é possível que você consiga, numa fotografia, contar toda a história que aquela fotografia simboliza e tudo que rolou. Não é fácil. Não é sempre que a gente consegue.

**Entrevista** -- Zé, tem uma corrente de fotógrafos aqui que são os Dependentes da Luz, né?

**José Albano** -- Eu sou um deles. (José Albano interrompe a Entrevista para pôr o pão no forno.)

**Entrevista** -- Zé, então tem essa corrente de fotógrafos, os Dependentes da Luz, que trabalha numa perspectiva artística da fotografia, se eu não me engano. E você disse que é um deles. E o pessoal do Fotojornalismo costuma brincar dizendo que, independente da luz, eles fazem qualquer foto! (risos) O que você acha disso aí? Existe essa richa ou é só brincadeira? E o que você acha dessas duas, digamos assim, versões da coisa? A foto artística, ela é muito bonita, muito densa, muito cheia de significação, mas o Fotojornalismo, por outro lado, tem esse caráter imediato e que requer muito mais

integração... (O telefone toca e José Albano atende. Quando retorna, responde logo à pergunta.)

**José Albano** -- É muito difícil fazer uma fotografia independente da luz. (ri) A gente depende da luz mesmo! Eu não vejo essa briga não, entre Fotojornalismo e a foto artística. Eu acho que é possível fazer Fotojornalismo com Arte. Como o Cartier-Bresson fez, como o Sebastião Salgado (fotógrafo carioca radicado na Europa) faz. E é possível fazer fotos ditas artísticas que também sejam feitas a partir de material de Fotojornalismo. Eu acho que a gente tem é que se juntar e melhorar o nível da Fotografia em todos os setores, temos essa pretensão, entre os Dependentes da Luz, através da troca de informações e através da divulgação da nossa fotografia por outros meios, como essa coleção de cartões postais que a saiu aí, saiu linda... E exposições que a gente tá

“Eu acho que é possível fazer Fotojornalismo com Arte. Como o Cartier-Bresson fez, como o Sebastião Salgado faz.”

fazendo onde é possível, aí pelo Brasil afora e até em outros países. A turma dos fotojornalistas tá convidada pra participar das nossas sessões e se engajar também, porque é um clube aberto os Dependentes da Luz. Não tem que ter carteirinha.

**Entrevista** -- E não há esse contato, essa troca com os fotojornalistas? E vocês ressentem isso ou não?

**José Albano** -- Não, ocasionalmente... Ocasionalmente eu acho que já houve gente do Fotojornalismo que frequentou as nossas reuniões. Mas acho que a gente precisa comunicar mais, puxar, trazer mais.

**Entrevista** -- Vocês procuram isso ou não?

**José Albano** -- Eu não tenho como lhe responder isso bem. É mais o Tiago Santana (fotógrafo) e o Celso (Oliveira, fotógrafo) que comandam, que animam o grupo dos Dependentes da Luz e eu, pessoalmente, nunca me lembro de ter convidado especificamente a turma do Fotojornalismo. Até me penitencio por isso. (risos)

**Entrevista** -- Então, Zé, quais os trabalhos assim mais representativos nessa tua vida de fotógrafo, que você teria mesmo que acrescentar?

**José Albano** -- Bom, eu faço uma separação entre as fotos que eu assino e as fotos que eu não assino. As fotos que eu não assino são o material publicitário destinado a comprar o "arroz com feijão". Pra sobreviver, pra comprar filme e tal, até mesmo pra viabilizar o trabalho que eu assino. Fotografia é muito caro, eu não posso, eu mesmo, consumir fotografia. Muitas vezes coisas que eu gostaria de fazer, por exemplo: eu tenho mais de duas mil fotos da minha filha. Muitas 'tão em negativo porque eu não tive como bancar passar pro papel, ainda. Um belo dia vou passar e tal. É tudo muito caro em fotografia. Você faz um filme colorido, por exemplo, num fim-de-semana -- um filme de 36 poses --, você vai pagar, a revelação disso é 50 mil cruzeiros! (valor anterior à conversão da moeda para Real) Quase 60, se você for botar o filme. É muito caro. Então, pra que eu tenha o dinheiro suficiente pra fazer as fotografias que eu gosto de fazer e que eu posso assinar, eu preciso ganhar dinheiro em alguma coisa. Não é trabalhando no birô de um banco que eu quero esse dinheiro, eu prefiro trabalhar com Fotografia, mesmo que careta, mesmo que arte aplicada e sem assinar como é o caso da Fotografia Publicitária. Então, sobre a fotografia de publicidade, eu faço coisas ligadas a turismo, à hotelaria... Faço coisas ligadas a veículos, como carros, bugres, essas coisas todas eu tenho fotografado. Faço coisas ligadas a pequenos objetos, como por exemplo: a coleção de remédios de veterinária, que eu fiz outro dia uma coleção aí pra uma indústria que tem aqui pra isso. Aí fotografo bebidas, fotografo garrafa de suco, lata de doce, sapato, roupa... É um campo aberto, realmente, interior de fábrica, essas coisas todas.

**Entrevista** -- E qual é a sua curtição?

**José Albano** -- (ri) A minha curtição são várias. Ih, são muitas! Eu adoro fotografar, por exemplo, a natureza, eu adoro fotografar o "em torno", aqui. O que acontece nesse terreno, dentro dessa casa, dentro desse terreno, nessas dunas maravilhosas, na praia de Sabiaguaba...

**Entrevista** -- "Em torno" é o que tá em torno de você?

**José Albano** -- Em torno de mim. Eu gosto de fotografar os lances do dia-dia da vida, cenas comuns da vida diária... Por exemplo tem minha fi-



A secretária eletrônica de José Albano é coletiva. Na mensagem, o fotógrafo cita cada um dos vizinhos, aos quais podem ser deixados recados.

Toda a gravação da entrevista de José Albano traz ao fundo o cantarolar de pássaros e latidos de cachorros distantes.

Foi casado por 10 anos com Regina, com quem teve sua única filha Emilia, hoje com 17 anos e morando com a mãe, em São Paulo.



José Albano é integrante da Associação Brasileira de Comunidades Alternativas (ABRASCA), que se reúne pelo menos uma vez por ano.

Sempre nas primeiras noites de lua cheia José Albano promove festas em sua casa. As pessoas trocam idéias e receitas de comida alternativa.

No dia da entrevista, ainda restava um mural da última luarada, sobre o tema pais e filhos. Fotos da família ilustravam boa parte do mural.

lha, que foi assunto dessas fotos durante anos! Coitada, vivia com uma câmera enfiada na frente! (risos) Pah!!! A menina já nasceu com uma câmera apontada. Mas eu acho riquíssimo o dia-a-dia, eu acho o cotidiano uma coisa absolutamente rica e variada.

**Entrevista -- Com cores, você prefere trabalhar?**

**José Albano --** Ah, cores e preto-e-branco. Eu não tenho esse cisma: "Ah, a fotografia colorida: turista. A fotografia artística tem que ser preto-e-branco." A vida é colorida! O que eu tenho visto de fantásticas fotografias coloridas! Eu não tenho comigo esse problema. Eu faço muito preto-e-branco porque o preto-e-branco é mais barato e o preto-e-branco eu posso fazer aqui no meu laboratório. Então eu faço preto-e-branco. E também tem uma outra coisa, o preto-e-branco, ele é um processo que vai durar 100 anos, 150 anos! Minha mãe morreu quase com 80 anos e eu tenho as fotos dela de um ano de idade! As fotos coloridas, elas vão ficando amareladas, vão ficando azuladas, daí a 15 anos vai ficando meio desbotado e, daí a 30 anos, acabou! E se você deixar ao contato com ar, aí dentro do primeiro inverno mofa e a imagem dança. Então, por isso, a fotografia preto-e-branco tem uma permanência que faz com que os fotógrafos que querem que o seu trabalho permaneça, seja reconhecido, vá para o museu e tal, eles insistem em continuar com o preto-e-branco.

**Entrevista -- É isso que você pretende, que a sua foto vá pra museu?**

**José Albano --** Terminou indo. Esse ano o MASP (Museu de Arte de São Paulo) comprou três fotos minhas. Eu fiquei muito satisfeito!

**Entrevista -- Exatamente. A coleção de fotos dos índios Tapebas... (Índios nativos do Ceará que residem nas proximidades do município de Caucaia, a 10 Km de Fortaleza)**

**José Albano --** As fotos dos Tapebas. É, a TVE (TVC) não entendeu muito bem a história (referindo-se a uma matéria veiculada no TVC Notícias com informação incorreta). São três fotos só, não era a coleção. Eles falaram como se a coleção toda tivesse ido pro museu. Todo ano o MASP compra de 15 fotógrafos três fotos. São 45 fotos que entram, todo ano, na coleção MASP-Pirelli do Fotografia Brasileira Contemporânea. E esse ano entrei eu. Preto-e-branco. Sépia, ainda mais.

**Entrevista -- Como é que surgiu esse interesse em fotografar os Tapebas, Zé? E me fala desses seus trabalhos mais recentes, desses trabalhos particulares mais recentes.**

**José Albano --** É, esses trabalhos particulares eu tava falando no acompanhamento da vida, da coisa do filho -- no caso, a filha --, da vida doméstica, dos amigos que aparecem, dos almoços que a gente faz aí em baixo das árvores, das coisas que a gente faz, das viagens... E, esporadicamente, eu fotografo viajando pelo Ceará -- eu tento fazer pelo menos uma viagem por ano de motocicleta --, fotografando a paisagem cearense. E isso inclui tudo: as serras, a agricultura, as pessoas, as crianças, as feiras, tudo isso. Eu tô com um arquivo crescendo nesse ramo aí e essas fotografias, elas têm uma vendagem também. Elas terminam indo pra folhetos da Emcetur -- é Coditur (Companhia de Desenvolvimento Industrial e Turístico) agora, né?

**“Tô fazendo esse trabalho de acompanhamento do movimento alternativo do Brasil, que é um movimento com o qual eu me identifico.”**

**Entrevista -- Coditur.**

**José Albano --** E são usados em anúncio de revistas relativo ao Ceará, ou então aos certos municípios, calendário e não sei que. E tô fazendo esse trabalho de acompanhamento do movimento alternativo do Brasil, que é um movimento com o qual eu me identifico. Todo ano eles fazem uma convenção nacional e tem quatro anos que eu vou a essas convenções e fotografo. Tenho outros planos também, de conhecer as diferentes comunidades rurais e fotografar nelas o dia-a-dia. E de vez em quando aparece um trabalho, que é um trabalho pago, mas que permite que eu assine o trabalho, como é o caso dos Tapebas. Eu fui convidado pela Arquidiocese e pelo Hoje Assessoria em Educação, que é uma entidade de assistência a projetos. E esse pessoal me convidou, me contratou -- foi um trabalho pago -- pra ir fotografar os Tapebas. Eles me disseram que queriam fotos só das crianças porque tinham interesse em mostrar pros cearenses: primeiro que existe esse

povo e segundo que esse povo não tá definhando e morrendo não, eles 'tão tendo filhos. Eles 'tão crescendo e aí 'tão as crianças pra provar isso. Então a idéia foi isso. Mas não me disseram como devia fotografar. Me jogaram lá na comunidade e o que eu vi foi uma coisa deplorável: lixo acumulado, mosca, os casebres caindo, as crianças com as barrigas cheias de verme, os joelhos inchados... tudo sujo, despenteado, com catarro escorrendo e moscas voando em torno, uma coisa assim... Eu fiquei doente de ver aquilo ali e eu tinha que fotografar essas crianças. Aí passou uma criança com uma lata d'água na cabeça, eu fiz uma foto, depois na beira do rio tinha outro que tava pescando, eu fiz a foto. Mas não era isso que era pra fazer, eu não queria isso. Aí me lembrei duma campanha, que eu vi nos Estados Unidos, uma campanha de valorização da raça negra -- lembra que quando eu tive lá tinha 'tado o Martin Luther King (líder político negro norte-americano) naquela campanha dos Direitos Civis e tal. Então, houve uma campanha que eu nunca esqueci. Eram cartazes assim, com o rosto, só, de pessoas negras as mais bonitas (ênfatizando) que você pudesse imaginar! Então, se fosse um homem, era assim, no mínimo, um Milton Nascimento (cantor e compositor mineiro e negro). Se fosse uma mulher era... nem sei que mulher negra eu poderia citar como modelo de beleza. E crianças lindas. E era só o rosto e tinha a seguinte frase: "Black is beautiful". Aí eu me lembrei disso, eu me lembrei que, se de repente eu fosse mais no rosto dessas crianças, eu 'taria escondendo o joelho inchado, a barriga cheia de verme, eu 'taria escondendo as queimaduras, cicatrizes, pano branco, sei lá o que...

**Entrevista -- Exatamente, tá selecionando a sua verdade...**

**José Albano --** Selecionando. E focalizando o rosto. E as casas e os casebres caindo aos pedaços? Eu não queria nada disso. Então, eu resolvi sentar a criança na frente da janela ou da porta da casa e fotografar só o rosto. Como a casa é muito escura por dentro, o filme não capta isso. Então, o fundo ficou preto porque o filme não captava a imagem do interior da casa. Então, a luz que batia no rosto das crianças era a luz da rua. Não era Sol direto, era a luz do céu, da rua. Do chão, que levava Sol e que refletia no rosto. Aí as pessoas piraram porque primeiro: as crianças são lindas, lindas, desbundantemente lindas, você (dirigiu-se a

uma das entrevistadoras) comprova isso. É a mistura de três raças indígenas: Potiguara, Cariri e Tremembé, misturada com a raça preta — um pouquinho só, nós tivemos poucos pretos no Ceará —, com holandeses e com portugueses. Então, essa mistura dá umas crianças assim impressionantes. E eu queria também mostrar que a gente pode emocionar as pessoas pela beleza, pela maravilha que são esses rostos, em vez de pela desgraça. Então, a Arquidiocese ficou na mão com esses retratos de criança, que criaram um impacto enorme, um interesse enorme. Vinha gente me pedir pra adotar as crianças: “Arranja um pra eu criar”! (risos) Desse tipo. Como se não tivessem pai e mãe. Então eu consegui, vamos dizer assim, emocionar as pessoas através da beleza, porque a gente já tá cansado de tanta desgraça, não é verdade?

**Entrevista** -- Zé, você passou quanto tempo fotografando os Tapebas?

**José Albano** -- Pouquíssimo. Foi assim: uma manhã de sábado e uma tarde -- eu não sei se foi uma tarde ou se foi uma manhã -- de domingo. Só!

**Entrevista** -- E o retorno foi muito maior, não é, tanto é que faz seis anos que tem exposição dos Tapebas?

**José Albano** -- Todo ano (ênfaticamente) me solicitam essas fotografias! Já tiveram na Alemanha, já tiveram em várias capitais do Brasil, tiveram nas SBPC's (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), agora tão no museu lá, no MASP. E todo ano as escolas pedem, o museu pede, a biblioteca pede e... tá pra ficar, eu acho.

**Entrevista** -- E tem algum outro trabalho teu que te satisfaz em mostrar?

**José Albano** -- Os alternativos. (em tom prazeroso) É, adoro esse trabalho, adoro essa turma, essas crianças, essas pessoas descompromissadas com a estética das cidades, e “tão no campo... Rurais, são rurais. E são incríveis. São pessoas lindas. É outro Brasil, é outro mundo, eu me afino completamente com esse movimento e as fotos “tão começando. Eu mostrei muito pouco, até agora, o que eu fiz. Teve uma exposição rapidinha no foyer do Theatro José de Alencar -- não, no hall de entrada. Teve uma exposição agora na Paraíba, agora vai ter em Sergipe, mas eu tô mostrando bem devagarzinho isso. Mostrei uma noite só lá no Instituto Equatorial (de Cultura Contemporânea) também.

**Entrevista** -- E esse material também é pra pesquisa pessoal sua?

**José Albano** -- É uma pesquisa pessoal minha mas, no caso, eu tô fazendo uma coisa que eu considero de valor histórico. O fotógrafo é um historiador, o fotógrafo é um jornalista principalmente. Então, é um movimento que tá acontecendo e que ninguém tá fotografando. Tô eu.

**Entrevista** -- Você se considera um fotógrafo?

**José Albano** -- (pausa) Às vezes. Eu sou bissexto. (ri) Fotógrafo bissexto. Eu fiz um trabalho grande de Fotojornalismo. Quando eu saí dos Estados Unidos eu fui fazer uma longa viagem pela Europa, onde eu fiz oito mil fotografias e as anotações dessa viagem, junto com as fotos, geraram 42 reportagens no jornal O Povo. Não é da geração de vocês. Porque foi quando eu cheguei, em 73, 74... de 73 a 75 eu publiquei essas reportagens, nas quais eu fazia texto e

“Não é falar e defender a ecologia morando num apartamento. É defender aqui, morando nesse terreno, que é uma experiência ecológica.”

as fotos. E o jornal O Povo, a editoria do caderno 2, eles me concederam uma coisa que muito pouca gente tem a chance. Eles me deram uma página em branco pra eu diagramar. Então eu diagramava, editava as fotografias, escrevia o texto, editava o texto, arrumava tudo na página. Então, foi uma maravilha isso, foi uma experiência que eu nunca vou esquecer. Talvez eu não queira fazer mais Fotojornalismo porque eu não tenho mais chance de fazer nesse modelo aí. Eu, dono da página, entende? É muito gostoso.

**Entrevista** -- Ó Zé, você teve contato com várias culturas, né, americana e a européia. O que foi que essas culturas influenciaram na tua fotografia, na tua vida... A fotografia americana é diferente da européia, é diferente da brasileira?

**José Albano** -- Eu acho difícil... Eu não estudo as coisas em termos assim: o que seria a fotografia americana, brasileira, européia... Eu acho que tem as correntes todas em todos esses

países. Tem as correntes de Fotografia, tem a fotografia abstrata, tem a fotografia da mulher nua na duna, tem a fotografia do ovo... Esses temas universais aparecem em todas as culturas, em todos os países. Eu acho que a vivência no exterior me influenciou mais a vida do que, realmente, a Fotografia. A minha vida, a minha concepção de morar onde eu moro, na casa que eu habito, as janelas que eu tenho -- 11 metros de janelas me participando o lado de fora com o lado de dentro --, a clareza... Tudo isso é uma influência numa vivência nos Estados Unidos principalmente, onde eu achei a Arquitetura mais avançada. E mais ligada ao meio ambiente. Talvez por causa do Frank Lloyd Wright (arquiteto norte-americano que desde os anos 20 influencia a Arquitetura moderna), que trabalhava com vidro, com madeira, com pedra...

**Entrevista** -- Mas o projeto dessa casa é seu?

**José Albano** -- É meu. Eu boleei essa casa. Tive conselho de dois arquitetos só, em pequenos detalhes, como a inclinação do telhado necessária pra chuva não vazar pelas telhas e também um tratamentozinho pro pé das forquilhas, que é uma casa de taipa. Então teve o Brandão e o Régis Freire (arquitetos cearenses), que deram pequenas dicas aí. Mas isso foi um atrevimento meu, foi uma brincadeira minha.

**Entrevista** -- Que deu certo.

**José Albano** -- Tá dando.

**Entrevista** -- Que inclusive trabalha dentro dessa brincadeira. Como é a relação de trabalhar dentro da sua própria casa, acordar e já trabalhar...

**Entrevista** -- E junto com isso aí, Zé, o que significa... Você disse que morar aqui faz parte de uma concepção de vida. O que significa isso aí, o que significa morar em Sabiaguaba?

**José Albano** -- Eu tenho um entusiasmo imenso pela ecologia que eu venho estudando e me preocupando com o meio ambiente há muitos anos. Eu acredito nas pessoas que levam bandeirinha e fazem campanha na praça pública e tudo isso, mas eu queria pra mim uma coisa diferente. Eu queria não falar sobre ecologia, eu queria viver essa ecologia. A vinda pra cá foi a tentativa de conviver com o besouro, com a chuva molhando o chão, com o mato, com o verde, com os soins (soinhos, sagüis) que ficam passeando aí nas árvores, com os passarinhos que me acordam de manhã. Então, não é falar e defender



A construção da casa-estúdio em taipa e madeira durou cinco anos. Foi lenta e alternada, porque o barro só pode ser alocado à parede em dupla.

Chicão e Zé Maria foram os mestres taipeiros que ajudaram na construção da casa-estúdio de José Albano, toda em taipa e madeira.

O material utilizado na construção é barato. A madeira in natura vem diretamente da mata, sem o beneficiamento. O barro é farto.





Logo na entrada da casa, avista-se no alto da parede um fóssil de peixe, do tipo comumente encontrado no Cariri. É o signo do fotógrafo.

Sala-de-estar, cozinha, biblioteca, arquivo, estúdio, laboratório, dois dormitórios e banheiro compõem a ambientação da casa de José Albano.

Uma sensação de liberdade é proporcionada pela quase inexistência de paredes internas e portas. Os móveis dividem os ambientes.

a ecologia morando num apartamento. É defender a ecologia aqui, morando nesse terreno, que é uma experiência ecológica isso. A gente veio pra cá, eu e a minha ex-mulher... Foi ela que comprou esse terreno -- devo esclarecer que eu não tinha essa grana, mas ela teve uma herança na época em que a gente tava querendo juntar as escovas de dente (risos) --, então ela comprou esse terreno e bem longe, como a gente imaginava que queria morar... Nós fizemos um erro brutal no começo, porque a gente veio aqui, e fechamos o negócio e tal... Tinha um morador por aqui por perto, que tomava conta e tal, a gente pediu pra ele limpar o terreno porque nós íamos construir a nossa casa. E deixamos um pagamento para ele fazer essa limpeza e quando nós voltamos, duas semanas depois, ele tinha feito um desastre ecológico incrível! Ele tinha deixado tudo na areia! Tá certo que tinha seis coqueiros, que era não era louco de cortar os coqueiros. Ele tirou todo o mato rasteiro e tudo que não era fruteira, que tinha dois cajueiros e seis coqueiros. Então ficou um deserto... de areia. Quando soprava um vento subia aquela nuvem de poeira, quando o Sol esquentava essa areia subia aquele bafo, aquela coisa, e a gente achou um desastre isso. Construímos a casa no meio desse areal -- isso em 75 -- e, quando chegou o primeiro inverno -- no Ceará o chão fica verde quando chove, né, tem mato, tem sementes no mato --, então a gente fez uma jura que nunca mais tiraria nem uma folha desse terreno, ninguém ia tirar mais nada. Nós não agüamos nada, nós não podamos nada, nós não tiramos nenhum formigueiro, nós não interferimos em nada, desde 75. O resultado é isso que vocês estão vendo. O terreno se reflorestou sozinho. É um reflorestamento espontâneo que aconteceu sem a menor interferência. Então isso, pra mim, é um microcosmo ecológico, é uma pequena estação ecológica de preservação do meio ambiente.

**Entrevista --** Zé, você conviveu, em primeira instância, com mulher e filha, né, aqui?

**José Albano --** É, é.

**Entrevista --** Como era essa convivência família-ecologia, como é que era isso na sua cabeça? Essa concepção de família, de um lugar tranquilo pra morar, de um certo isolamento...

**Entrevista --** Uma vivência alternativa, né?

**José Albano --** É. A vivência é alternativa a partir da minha experiência

nos Estados Unidos. Eu realmente visitei -- tinha amigos que morava assim --, visitei famílias que moravam assim no subúrbio brabo, longe, longe, longe... E era isso que eu queria. Exatamente. Quando eu voltei e caí em São Gerardo, na casa da minha mãe, era um lote de terreno com uma casa da vizinha do lado esquerdo a um metro e meio, a um metro e meio do outro lado da casa da vizinha da direita, a três metros atrás, a casa da vizinha de trás e era uma cacofonia de barulhos, de rádio, de televisão, de brigas. Brigas das pessoas que eu ouvia da casa da minha mãe, do meu quarto. Eu não agüentava aquilo, achava aquilo uma agressão, uma loucura, então eu queria morar longe, num lugar que tivesse muito espaço pra que vizinho fosse uma coisa longínqua, uma coisa que não me incomodasse dessa forma. A família ficou horrorizada, achou que a gente tinha pirado... como a gente

“A maior oportunidade que nos é dada pra mudar o mundo, pra melhorar o mundo, é ser pai, é ter filho. A segunda (...) é ser professor.”

ia criar uma criança aqui? (José Albano interrompe para chamar atenção dos meninos que estavam brincando e fazendo barulho na varanda de sua casa.)

**Entrevista --** Sim. Então, Zé, voltando... (José Albano espirra fortemente) Vocês decidiram ter filho aqui e a família foi toda contra...

**José Albano --** Nós começamos a nossa vida aqui, a Regina e eu. A gente fez essa casinha que fica lá em baixo das pitombeiras...

**Entrevista --** No caso ela também já tinha essa perspectiva?

**José Albano --** Ela passou a ter. É. Ela morava lá na Aldeota, num apartamento, mas quando me conheceu ficou influenciada...

**Entrevista --** Apaixonada...

**José Albano --** Eu diria que pirou também, a família dela, então? (risos) “Esse hippie do cabelão, esse doido que chegou aí, do chinelão...”

-- que eu andava com um chinelão. (risos) Eu virei a cabeça dela, sim. Realmente.

**Entrevista --** Da burguesinha...

**José Albano --** Mas ela tinha essa potencialidade, porque senão não ia se atrair por mim, né? (risos)

**Entrevista --** É porque tava latente, né?

**José Albano --** É. E ela, inclusive eu conheci a Regina num curso de Fotografia que eu dava na Casa Amarela (núcleo de Cinema e Vídeo da UFC), logo que eu cheguei, lá na Casa Eusélio Oliveira. E então a gente veio pra cá -- essa casa (referindo-se a primeira casa construída no terreno) ela desenhou --, foi construída a casa e a gente não queria nem ir pra igreja casar. A gente chamou um frade pra fazer o casamento aqui em baixo da mangueira. (Novamente se dirige aos meninos e reclama de suas brincadeiras. Eles saem correndo da casa. José Albano aproveita para desligar uma torneira que derramava água da caixa. Quando volta retoma a entrevista no ponto em que parou.) Eu estava falando que, até o casamento, a gente não foi pra igreja. A gente chamou um frade, que a gente não queria nem padre. Era um frade bem gordão (risos) pra casar a gente sábado de manhã, embaixo da mangueira aqui. Então, quando os convidados foram embora, nossa lua-de-mel foi ir pra casa ali, vizinho à mangueira. Ninguém viajou, a gente ficou aqui curtindo... E dessa forma também a gente teve essa criança, que nasceu um ano depois que a gente casou...

**Entrevista --** Você me disse que foi muito bem planejada.

**José Albano --** Foi super planejada. Acho que a gente se casou pra ter essa criança! Realmente era um projeto muito incrível, de estudo profundo de tudo que tem a ver com a gestação, com o parto, com todos esses fatos. E uma coisa marcante, por exemplo, foi tão marcante a experiência, que a Regina, que queria ser arquiteta -- tinha tentado várias vezes a Faculdade de Arquitetura e não passou, tanto que foi ela que desenhou aquela casa onde a gente viveu --, ela, depois que nasceu a Emília, ela decidiu ser parteira. Ela não queria mais ser arquiteta, ela queria ser parteira.

**Entrevista --** E hoje...

**José Albano --** Aí virou totalmente. Aí foi fazer a Faculdade de Enfermagem pra poder ter um... Como é que você vai ser parteira, né?



**Entrevista** -- É. Ter a técnica.

**José Albano** -- É, ela queria ser enfermeira primeiro pra depois, então, se especializar em Enfermagem Obstétrica e ser parteira. E é o que ela é: uma excelente e grande parteira.

**Entrevista** -- E você, virou também um paizão assim profundamente emocionado, inspirado?

**José Albano** -- Eu virei. Eu sou, eu virei. Eu sou um super pai, isso aí eu tenho plena certeza que... Eu preciso até passar a foto da Emília para vocês verem e eu não ficar falando de uma pessoa que vocês não conhecem. (José Albano vai buscar um retrato da filha.) Essa é a foto mais recente da Emília.

**Entrevista** -- Ela tem hoje...

**José Albano** -- Dezesete anos. Bom, o que eu acho mesmo é que a melhor maneira... a maior oportunidade que nos é dada pra mudar o mundo, pra melhorar o mundo, é ser pai, é ter filho. A segunda oportunidade de melhorar o mundo é ser professor. Mas a primeira é ser pai, eu acho. Eu acho que -- no caso eu tô incluindo pai e mãe, né? -- é a paternidade e maternidade, é o fato de ter filho que é possível a gente construir, fazer um ser humano que seja de melhor qualidade do que nós mesmo fomos feitos. Eu acho que é uma obrigação que a gente tem com o futuro, ao ter filho, de ter essa criança... dar as melhores condições. E, infelizmente, não é o que eu vejo por aí.

**Entrevista** -- Zé, 'cê acha que isso é mais ou menos um reflexo da relação que você tinha com seu pai? Também a gente sabe que você vem de uma família muito grande, né, que tinha uma casa na (Avenida) Bezerra de Menezes, então, 'cê deve ter assim uma relação familiar interessante, né?

**Entrevista** -- Além do que, seu pai morreu quando você tinha onze anos...

**José Albano** -- Onze anos.

**Entrevista** -- E ficou essa lacuna, né?

**José Albano** -- É, mas já tinha uma lacuna muito grande durante a vida dele, porque meu pai era muito ocupado. Ele era professor. Ele ensinava de manhã, de tarde e de noite, e eu era o décimo filho do meu pai. O que sobra pro décimo filho, né? (risos) Eu era um número só.

**Entrevista** -- Coração de pai não cabe mais um?

**José Albano** -- Não cabe nada! Eu acho que... Eu não sei, eu acho que... Eu não posso reclamar porque senão eu não tava aqui, né? (risos) Senão eu

não existia. Se fosse pra eu nascer nas condições que eu prego como sendo as ideais pra você ter filho, eu não era pra ter nascido. De jeito nenhum.

**Entrevista** -- E, além do que, ele (o pai) não tem direito de defesa!

**José Albano** -- É, não tem. E, naquela época -- em 1944 --, quando eu nasci, era outra coisa. Hoje você pode planejar a sua família. Nós temos meios de planejar a família. Naquela época era outra história. Eu acho que eu consegui fazer com a Emília -- eu e a Regina, isso é um trabalho feito a dois --, nós conseguimos fazer uma experiência na qual nós peneiramos, vamos dizer assim, nós não passamos pra ela as coisas que nós sofremos dos nossos pais. Nós determinamos, nós identificamos muitos erros na educação que nós tivemos. Quanto ao pai e à mãe, tanto os meus como os

“Eu gosto muito também de partilhar a informação, eu adoro poder ajudar as pessoas com a informação que eu conquistei a duras penas.”

da Regina e, automaticamente, existe o perigo de você repassar. Se você foi espancado na infância você naturalmente espanca seu filho e aí que a coisa, que a responsabilidade... Não sei se devo interromper... (referindo-se aos gravadores que disparavam)

**Entrevista** -- Não, pode continuar.

**José Albano** -- É aí que a responsabilidade é posta à prova. Você tem que estudar, você tem que usar seu coração e sua inteligência e sua emoção pra fazer um trabalho melhor do que fizeram com você. E o amor que a gente tem pelos filhos -- isso aí, não é uma idéia minha, eu vi isso discutido uma vez e achei muito interessante --, ele não retorna pra mim. O amor que eu tive pela Emília não retorna pra mim. Ele vai ser aplicado nos meus netos. (ri) Porque o exemplo que eu dei pra ela, criando ela com amor, não tem como ela me devolver isso. Quando ela for mãe, ela vai ter filhos mais (ênfatizando) desbundantes ainda do que ela foi, entende? Então eu vou ser um avô assim super-coruja, no dia que eu for, porque eu vou ver o meu trabalho

com ela sendo transmitido pra geração seguinte. É uma corrente de melhoria da raça humana, eu acho que é isso. E eu queria que os pais, em geral, tivessem essa consciência. Seria uma maravilha.

**Entrevista** -- Zé, como é que você se define como pai, como companheiro, como colega de trabalho? Me dá tua autodefinição do José Albano?

**José Albano** -- Eu acho que eu sou um cara muito solidário. (Um avião sobrevoa novamente a casa.) Eu sempre me vi num esquema de partilhar as coisas, de ser solidário com as pessoas, com o que acontece com o mundo. Eu tenho muitos amigos, eu sou uma pessoa que é querida. Eu não sei nem às vezes por que, mas dizem que eu escuto bem as pessoas, que eu atendo bem, eu não sei. Dizem as pessoas. Eu gosto muito também de partilhar a informação, eu adoro poder ajudar as pessoas com a informação que eu conquistei a duras penas, estudando e batalhando. Por exemplo: livros. Essa casa tem sido uma central de informação pras pessoas, de troca de informação. Então, quando a casa foi construída, pessoas que tavam construindo vinham aqui ver. Até hoje mesmo. Pessoas vêm construir a casa, aí vêm aqui pra medir coisas, tirar dicas e tal. Eu atendo essas pessoas muito bem, eu gosto de fazer isso. As pessoas que 'tão esperando crianças sabem que eu tive essa experiência e que a experiência foi positiva, aí vêm se consultar aqui, aí eu passo, dou xerox, converso. Durante o tempo que eu me separei da Regina, que nós nos separamos, o casamento dançou, essa casa virou um clube de separados... (risos)

**Entrevista** -- Um grupo de separados. Tem aquele grupo de casais...

**José Albano** -- Um grupo de separados. É. Ganhou até nome. Era o grupo dos maiores abandonados. Então, era uma oportunidade da gente trocar idéias sobre a relação que devia... como continuar essa relação. O que fazer com os filhos do casal separado, como gerenciar essa coisa da custódia, tudo isso. Durante anos essa casa foi uma central de reuniões até.

**Entrevista** -- Zé, eu queria voltar um pouco aqui, fazer um retrocesso aqui pro Zé Albano adolescente, pra gente poder te entender pessoalmente assim, melhor, agora. Você tinha falado anteriormente, particularmente pra mim, que a perda do pai aos 11 anos e uma série de outras coisas como dificuldade financeira

Na casa de taipa de José Albano não existe vida trancafiada a sete chaves. Os únicos lugares que tranca ao sair são o laboratório e um dos quartos.

Os móveis e demais utensílios decorativos seguem o estilo rústico-artesanal da construção em taipa. José Albano tem peças em madeira, palha e barro.

Além do valor estético, a casa de taipa funciona como isolante térmico, pela porosidade do barro. A temperatura interna é amena.



Fotos de Emilia decoram as paredes da casa. Uma está logo ao lado da mesa-balcão que divide a sala-de-estar da cozinha.

Nas paredes de taipa, garrafas em vidro colorido foram enxertadas compondo um vitral que, sob a luz do Sol, produz efeitos visuais belíssimos.

A casa-estúdio prima pela luminosidade natural e total arejamento. Nos janelões, sempre abertos, ao invés de vidro, fino plástico.

-- sua família ficou vivendo de *penção e tudo --, você teve problemas, descompensações -- você usou até esse termo -- descompensações psicológicas, corpóreas sérias na adolescência. Como é que foi isso? Como é que você se sentiu nesse momento de adolescente? Como foram exatamente essas descompensações?*

**José Albano** -- Foi horrível. (ri aliviado) Foi horrível. Eu achei um período muito incômodo na minha vida, esse. A infância foi bem, mas a adolescência, sem o pai, como eu falei, com dificuldade financeira... e também o problema da corporalidade. Eu falei, por exemplo... A minha mãe que, se me ouvir, me perdoe, mas o que prejudicou os filhos, o fato da gente não ter sido amamentado no peito por exemplo... Agora que a gente tá estudando isso e isso tá... tem em campanha mundial pró-amamentação, você vê a perda que aconteceu é uma perda irreparável na corporalidade da criança. Então, vai s'embora toda uma riqueza de contato físico que a mãe teria com o filho, com o bebê, vai s'embora quando se perde esse vínculo do mamífero, do animalzinho que fica ali colado, no contato pele-a-pele, no cheiro, na corporalidade... na sensualidade, vamos dizer assim. Então, eu cheguei a me sentir -- eu peço perdão a ela novamente --, mas teve uma época na minha vida em que eu me sentia como se eu tivesse sido abortado. Ou como se eu tivesse sido adotado e fosse filho de outra mãe, entende? É muito difícil isso. Então, a relação de namoro, de aconchego físico, tudo isso, pra mim foi uma dificuldade imensa. Dificuldade na adolescência e dificuldade que perdurou, que perdura. A gente fica descompensado por falta desse aprendizado do contato, do corpo.

*Entrevista -- Você até hoje não tem muita intimidade com o seu corpo e com o corpo dos outros?*

**José Albano** -- Eu abro uma única exceção, que é a Emilia. Eu consegui passar pra ela um bem-estar no contato físico que eu não consegui numa boa com ninguém, nem mesmo com a mãe da Emilia, que fomos casados e tudo isso. Mas no fim eu acho que essa esquisitice, esse "não-me-toques", vai pesando pra outra pessoa. Não existe esse gostoso do... É como se o corpo fosse fechado, entende?

*Entrevista -- Do aconchego...*

**José Albano** -- Eu sinto isso. É como eu vi, não precisei fazer grandes psicoterapias pra descobrir isso. Isso é uma coisa que é divulgada aí nos

meios, nas pesquisas com os animais em que foi interrompido esse vínculo mãe e filho, esse vínculo físico. Porque, veja bem: a idéia mais moderna da gestação é que a gestação não dura nove meses. Ela dura no mínimo mais seis depois que a criança nasce! Tudo o que alimenta essa criança dentro do útero vem através da placenta. Depois que a criança nasce, ela conquista o acesso ao oxigênio. Somente! Tudo o que rola no corpo dela vem do leite. Não é pra ela mamar nem um chazinho, nem água, nem tomar suco de fruta, nem nada, nada, nada, nada! Tudo é o leite. Nem água, nem nada. Então, foi substituída a placenta pelo peito, pelo seio. Mas aí já existe a coisa cutânea, existe o aconchego físico, existe o cheiro, existe o calor. Existe todo esse resto de aprendizado -- como se fosse o canguru que leva os filhotes dentro daquele saco de pele -- que é negado a uma criança que não mamou, entende? É triste dizer isso, mas é verdade. Agora, é triste ainda

“Eu fiz 50 anos, eu acho que eu fechei, não vou atrás de me casar de novo. (...) Eu já aprendi a ser só, a ter o corpo não carente desse contato.”

porque isso cria uma corporalidade, que eu diria de corpo fechado, e isso também elimina a necessidade do contato físico. A gente fica empedernido e diz: “Não. Nem quero, nem busco, nem preciso.” Tem gente que me acha super-esquisito, mas isso é uma característica de uma geração que foi criada na noção de que contato físico fazia mal, estragava a criança. Você acredita nisso?

*Entrevista -- Acredito.*

**José Albano** -- Aconteceu. Tinha um grande educador, que influenciou minha mãe, através de livros, que não podia ficar pegando nos filhos não que estragava. Então em que filhos ela pegava? Nos filhos da empregada porque... no da empregada não estragava. Era o da empregada. Nos dela, ela não aconchegava. Não é incrível isso? Gente, é um horror!

*Entrevista -- Mas, em contrapartida, nas comunidades alternativas se prega muito esse contato físico e emocional maior...*

**José Albano** -- Total, total.

*Entrevista -- Foi isso, de repente, que te atraiu mais?*

**José Albano** -- Me atrai, me emocionou...

*Entrevista -- E como é que você trabalha nessa comunidade alternativa?*

**José Albano** -- Eu trabalho isso como uma coisa encantadora. Uma coisa encantadora de fotografar.

*Entrevista -- Não. Mas eu digo de viver.*

**José Albano** -- De viver também. Mas aí, qual é a minha história aí? Por exemplo, tomar banho pelado com trinta pessoas -- homens, mulheres e crianças -- no rio ou no lago, lá na comunidade alternativa. Isso pra mim é delicioso. Pra mim é uma descoberta, sim. De repente: “Posso tirar minha roupa na frente de todo mundo, tá todo mundo pelado no Sol... Que maravilha!” Isso pra mim é uma experiência sensual. E eu tô nu com máquina pendurada no pescoço (risos), fotografando também.

*Entrevista -- Se protegendo ali, né?*

**José Albano** -- É. E as pessoas também tomam uns banhos de lama... Uma coisa maravilhosa. Todo mundo passa argila no corpo, sai todo mundo lambuzado de argila. É uma zorra, uma farrã!

*Entrevista -- E você já lida bem, muito bem com isso? Já tem grande familiaridade com isso?*

**José Albano** -- Sim, totalmente! Não. Totalmente! Aí, totalmente. Mas, por exemplo: eu fiz 50 anos, eu acho que eu fechei, não vou atrás de me casar de novo, nem nada disso. Eu vejo assim, entende? Aí as pessoas dizem: “Mas você? Você não precisa?” Eu digo: “Não. De repente eu não preciso.” Mas por que eu não preciso? Porque é essa história que eu tava dizendo: essa experiência do corpo fechado, pela falta desse aconchego, me dá menos necessidade. Eu já aprendi a ser só, eu já aprendi a ter o corpo não carente desse contato. Né incrível, isso? É triste.

*Entrevista -- É. E a sexualidade?*

**José Albano** -- É triste, mas é real.

*Entrevista -- O corpo fica fechado mesmo ou é um medo de ser rejeitado...*

**José Albano** -- Não, não, não. Eu sei lá! Isso agora... Agora eu tenho cabeça pra pensar isso, mas me imagina na adolescência, enfrentando isso e com a cara cheia de espinha! Ah, gente, era horrível!

**Entrevista** -- Como é que fica a sexualidade propriamente dita do homem quando decide, como você, de antemão, que não quer mais casar? Como é que é?

**José Albano** -- Olha, eu acho que a sexualidade, ela não morre. Existe excitação. Existe uma coisa que você vê, existe um filme erótico que você vê, sei lá! Um livro que você lê. Isso existe. Mas existe o autoerotismo que resolve essa questão, entende? Então... é mínimo, mas existe. (ri)

**Entrevista** -- E te basta?

**José Albano** -- Me basta. Não tenho... porque também existe, quando a pessoa... As pessoas que 'tão na ativa sensual e sexualmente, elas também têm um compromisso com os seus parceiros, né verdade? Não é uma coisa egoísta, pra si. É uma coisa que você partilha com as outras pessoas, com os parceiros que esperam ter, desses parceiros, uma coisa gostosa, uma coisa sensual, uma troca. Então, se é difícil pra mim essa troca, então é desonesto procurar isso com o outro parceiro. Entende? Agora, eu só vim a entender tudo isso, todo esse processo, a partir da dissolução do casamento. Só aí que eu fui entender as carências que eu provavelmente gerei na pessoa com quem eu escolhi pra casar, que tem outra história diferente da minha, entende? Eu sofri, eu causei sofrimento, mas hoje em dia eu tô em paz com isso, eu entendi. Valeu pra mim como uma psicoterapia feita, entendida... tá explicada... Não tá modificada, mas paciência. (risos) Tá explicada, pelo menos. Entende? Então, hoje eu tô à vontade. Não tô mal, não tô carente, não tô nada. "Não sou alegre nem sou triste, sou poeta." (risos) Mas minha filha não teve isso, posso garantir isso a vocês. Ela teve banhos (ênfatizando) de sensualidade, de contato de pele-a-pele, de mamar até dois anos e tanto! De sentar no meu colo até hoje, não tem nenhum desconforto físico entre nós! De tomar banho junto, os três, a vida inteira: eu, a mãe dela e ela. E nós conseguimos. Eu consegui, pelo menos, com toda a minha dificuldade, eu consegui suplantá-lo em relação a ela. Ela, então, tá livre, limpa e ótima! Maravilhosa. (ri)

**Entrevista** -- Zé, seria interessante falar um pouco dessas festas que você... não sei nem se são festas, essas reuniões, que tem sempre na Lua Cheia, que despertam um pouco esse seu lado mais místico.

**José Albano** -- É, eu acho meio estranho falar em lado místico -- eu vou ter que ver o pão, porque é o

misticismo da barriga aqui... (Risos. Pausa para José Albano tirar os pães do forno e acender os abajures.) Eu acho maroto essa parte do lado místico. Assim: eu briguei com a Igreja Católica quando eu tinha 16 anos e decidi ser ateu e vim sendo ateu a vida inteira. Nada, nada, nada de misticismo, de igreja, de rito, nada de nenhuma religião! Até que, recentemente, eu descobri que, se eu adoro alguma coisa, realmente adoro mesmo, é o Sol. Então, eu decidi que Deus, pra mim, é o Sol. Por quê? É uma forma esférica -- a esfera é uma forma perfeita --, é um ser de luz, é o pai de todos nós, dele vem toda a energia, se não fosse o Sol nós não existíamos... Então, eu resolvi na minha cabeça isso. Não sou mais ateu. "Existe Deus?" -- "Existe! Deus é o Sol". Inclusive inconsciente, porque não controla mesmo essa piração que é esse planeta aqui e essa história, né? Da raça humana e tudo que dá errado aqui. Engraçado que

---

"Eu não me considero místico. Eu sou agnóstico, vamos dizer assim. Não vou dizer mais que sou ateu porque eu adoro o Sol."

---

eu fui dizer isso uma vez prum guru aí, um cara que só faltava flutuar, assim (risos), "Misticismo e tal..." Eu fui dizer isso pra ele como se fosse tentando irritá-lo mesmo. Dei minha explicação e minha conclusão: "Deus é o Sol!" Ai ele olhou pra mim assim, com uma serenidade que eu nunca tinha visto nos olhos de uma pessoa, e disse: "É... também." (risos) Ai eu achei ótimo! Inclusive esse é um dos gurus do movimento alternativo e eu me senti aceito, então, por eles. Porque, se eu adoro o Sol, então é Deus também, então pode entrar. "Tá dentro!" Mas não é misticismo, eu acho que eu não sou místico. Só concluindo: do jeito que eu não luto lá na rua pela ecologia -- eu vivo a ecologia --, você poderia dizer que eu não freqüento nenhuma religião mas eu vivo na natureza aqui, eu vivo adorando o fenômeno da vida, que me cerca e que eu tenho a maior reverência e êxtase mesmo em observar, por exemplo, a mudança dos meses, a mudança da vegetação ao longo dos meses. Coisa que as

pessoas nem sabem que acontece. Tava uma pessoa me dizendo lá na cidade, outro dia: "Ah, aqui em Fortaleza é chato porque não muda nada o ano inteiro. Tem umas chuvas mas não muda nada!" Eu digo: "Você é que pensa que não muda. Muda tudo!" Essa vegetação, esse mato todo, muda tudo. Flora, caem as folhas, nascem outras coisas na parte seca do ano... é uma beleza, isso! É lindo! Então, eu vivo isso, eu vivo esse êxtase de estar na natureza. Uma vida contemplativa, quase. Poderia até dizer que eu poderia... tenho até tendência pra ser um monge contemplativo -- tirando a história da religião, né?

**Entrevista** -- E você acha que essa tendência vem exatamente de onde? Será que é daquela história, teu contato lá nos anos 60 com o movimento hippie e a contracultura...

**José Albano** -- Eu acho que sim.

**Entrevista** -- E uma nova filosofia de vida e tudo?

**José Albano** -- É. É bem possível que sim. Eu não me considero místico, de forma nenhuma. Eu sou agnóstico, vamos dizer assim. Não vou dizer mais que sou ateu porque eu adoro o Sol, o Sol é meu Deus! Vou atrás dele. Mas... eu até duvido, né, se parar a turbina do avião se eu digo: "Ai, meu Sol!" (risos) Eu não sei. "Valhei-me..."

**Entrevista** -- Valhei-me solzinho!

**José Albano** -- É. Não, o que eu percebo é que nas religiões -- eu posso até tá ofendendo vocês --, mas o que eu percebo é que quase a totalidade da experiência religiosa consiste em influenciar as divindades em seu benefício! Consiste em aperrear a divindade pra resolver seus problemas, pra lhe ajudar a tirar a loteria e fazer isso e fazer aquilo. É ou não é? Pouca gente tá glorificando a divindade, a gente tá mesmo é aperreando e pedindo.

**Entrevista** -- Ô Zé, você falou que Deus é o seu Sol, e Sabiaguaba chega a ser seu Céu? Isso aqui é o que você imaginou?

**José Albano** -- Esse microcosmo...

**Entrevista** -- É a plenitude da tua concepção de vida?

**José Albano** -- É. Esse microcosmo, sim. Essa casa seria talvez a minha igreja, vamos dizer assim. (ri) E esse terreno seria um pequeno paraíso. Agora, eu não posso entender isso à comunidade de Sabiaguaba em geral. Eu já fui mais feliz aqui do que sou hoje. Hoje já chegou muito vizi-



O motociclismo é uma grande paixão do fotógrafo. Numa Honda 125 vermelha já correu o país inteiro fotografando e conhecendo meios alternativos de vida.

Zé recebe constantemente a visita de amigos. Embaixo das mangueiras, refeições, reflexões e confraternizações.

José Albano pediu licença para interromper a entrevista por três vezes. Duas para olhar o pão e outra para fechar uma torneira.



Ao final da entrevista, José Albano serviu pão integral quentinho, com mel ou manteiga, limonada, granola e doce de goiaba caseiros.

Durante o lanche, José Albano quis saber do futuro profissional de cada uma das entrevistadoras. A conversa prosseguiu por 40 minutos.

Depois, fez questão de mostrar todas as dependências da casa-estúdio. O laboratório é onde permaneceu por mais tempo.

nho, já tem mais barulho, já temos problemas com bebarões que ficam fazendo arruaça na rua, temos problema com o forró lá embaixo, que perturba a noite de sábado, a noite de domingo. E eu tenho os dias contados pra sair daqui. Infelizmente. Não sei o que vai acontecer com essa linda estação ecológica que foi criada. Não sei o que que a Emília poderá fazer disso algum dia, mas eu vou dar no pé! Eu vou pra mais longe. Não tô dizendo quando, mas vejo isso como certo mesmo no meu futuro. Talvez um lugar depois de Aquiraz (município a 27 Km de Fortaleza), lá pra Pratiús (distrito do município de Cascavel, a 53 Km de Fortaleza), por ali. Pindoretama (também distrito de Cascavel)... uma coisa assim.

**Entrevista -- É um projeto de vida, já?**

**José Albano --** É um projeto de aposentadoria. É quase um projeto de morte, vamos dizer assim. É como eu penso em passar o resto do meu tempo, da minha vida. É sendo agricultor, talvez fotografando as plantinhas ainda, mas...

**Entrevista -- Então, quer dizer que o projeto do Zé Albano daqui um tempo é se exilar?**

**José Albano --** Me ruralizar. Me ruralizar. E é possível que eu funde uma comunidade rural, pra pessoas que queiram essa aventura também. Então...

**Entrevista -- Todos morando juntos?**

**José Albano --** Sim! Outras pessoas lá também. Eu não acredito que eu possa morar na mesma casa com as outras pessoas. Eu acho que isso é exigir demais. Mas no mesmo terreno, que a gente tenha uma mesma caixa d'água, que a gente tenha uma grande horta, que a gente junte as panelas para o almoço, todo dia... Isso eu consigo ver, no meu futuro. Morar numa comunidade rural alternativa.

**Entrevista -- Você falou que não sabe quando é esse futuro, mas tem alguma idéia, o começo de um projeto, já, de fazer isso aí?**

**José Albano --** Não, não existe data pra isso. Existe só o amadurecimento gradual na minha cabeça. Eu tenho impressão que esses próximos oito a 10 anos eu vou tá aqui sendo fotógrafo comercial. Mas depois que você chega nos 60 anos... É claro que você ainda pode fazer muita coisa: tá o Chico Albuquerque (fotógrafo cearense conhecido nacionalmente e fundador da ABA Film) pra provar

isso, mas eu não sei se eu vou querer isso. Porque eu tenho a seguinte noção, veja bem: algumas coisas... Você vê um horror de livro aqui, revista... Eu leio muito pra poder pescar de um livro, ou de uma revista, uma frase fundamental, vamos dizer. Eu passei anos lendo a revista Seleções, que era um hábito do meu pai. Revista Seleções parece uma coisa careta, retrógrada, coisa de americano e tal. Mas, de vez em quando, tem umas coisas que podem iluminar a pessoa. Um exemplo: eu li nessa revista uma entrevista com uma enfermeira que cuidava de doentes que 'tavam morrendo. Ela passou anos assistindo a morte das pessoas. Então, o entrevistador perguntava: "O que que essas pessoas dizem, quando 'tão morrendo, que lhe impressionou mais? O quê que falam?" Aí a enfermeira disse: "Não é o que dizem. Dizem coisas banais. O que me impressiona é o que não dizem, porque,

“Então eu não quero trabalhar demais (...) Eu quero curtir a vida, porque é preciosíssimo isso. Isso que nós estamos fazendo agora.”

até hoje, nunca ninguém, na hora da morte, abriu o olho assim, a última vez, pra dizer: 'Só lamento não ter passado mais tempo no meu trabalho!'” Ninguém morreu dizendo isso, ninguém! (risos) Muito pelo contrário! Vão é dizer: "Por que é que eu fui trabalhar tanto? E a vida? E o divertimento, e as viagens, e o contato com as pessoas?" Não é verdade? Que significação tem o teu trabalho quando tá morrendo, no fim da vida? Aí eu me lembro do Geraldo Azevedo (cantor e compositor paraibano), falando - numa das canções dele - que "a vida é uma pedra de gelo ao Sol". Vocês já ouviram essa canção? Chama "Caravana"?

**Entrevista -- É. Já.**

**José Albano --** A hora que eu ouvi isso pela primeira vez, essa pedra de gelo me desceu pela espinha, assim: "Hann!!!" (se contorce expressando como o gelo descia pela espinha). Porque eu sempre pensei na vida como uma coisa que você vai acumulando, acumulando experiência,

acumulando anos, acumulando amigos, acumulando... sei lá! Posses, ou o quê? Você vai ficando maior, mais experiente, mais tudo, e ele tem a visão contrária: você vai diminuindo, você vai perdendo, perdendo, perdendo... O gelo tá derretendo! E a minha barra de gelo já passou da metade, ó! (estala os dedos) (risos) Há muito tempo! Então, eu tenho que... É, brilha no sol, o Deus Sol tá brilhando, mas tá me derretendo, todo dia é um dia a menos. Então, eu tenho essa consciência muito forte em mim. Então eu não quero trabalhar demais e eu não quero... Eu quero curtir a vida, porque é preciosíssimo isso. Isso que nós estamos fazendo agora, nesse minuto, nesse verde aí, esse ventinho, esse pão, que saiu do forno -- quase queimou! (risos)--, o papo aqui, né...

**Entrevista -- E o que 'cê tá achando do papo? Eu tô com medo de ser uma pergunta pra encerrar, mas é porque, já que 'cê falou, o que você acha de ter conversado assim?**

**José Albano --** Bom, eu acho... Eu acho excelente e, inclusive, poder abrir com vocês questões muito íntimas, como essa coisa do corpo fechado que eu falei, da corporalidade, né, de pobreza sensual e coisas assim. Que, de repente, vocês são jovens, estudantes... Eu quero que vocês promovam um novo mundo, uma nova humanidade mais sadia. Não é que eu não seja sadio, mas eu sou capenga (risos) nessa esfera aí, entende? E... eu também adoro estudante, eu acho... Eu fui convidado várias vezes pra ser professor na escola de vocês. Eu nunca topei porque eu achava que isso ia ser maléfico pro meu dia-a-dia. Eu ia ter compromisso, eu ia ter que ser um bom professor e aí a minha história ia acabar aqui mesmo. Eu não ia entrar mais no meu laboratório, minha fotografia ia dançar, como eu vi a do Silas (de Paula, fotógrafo e professor do curso de Comunicação Social da UFC) dançando, como eu vi a do Jarbas (Oliveira, fotógrafo e professor da UFC) dançando... Sendo prejudicada pelo envolvimento com o ensino, que é uma coisa maravilhosa, mas pra mim seria demais, entende? Mas o que puder fazer, por exemplo: estagiário. Já veio gente da Comunicação fazer estágio de fotografia aqui. Tô totalmente aberto pra isso. Acho estudante o maior barato. Parabéns a vocês por 'tarem nessa! (risos)

**Entrevista -- Acho que, com essa, encerrou! (Risos). □**